



ELISA LISPECTOR E A ESCRITA COMO CASA

Débora Magalhães Cunha Rodrigues (UERJ)¹


Resumo: A partir das últimas décadas do século XX, testemunhamos uma aceleração dos fluxos migratórios. Este fenômeno vem proporcionando novas experimentações espaciais e modificando a concepção de pertencimento. Este espaço constituído pela modernidade tardia como entre-lugar segue desconstruindo a ideia de pertencimento, possibilitando certa experiência literária que apreende a escrita como morada. Dito isto, analisaremos textos de Elisa Lispector que ocupou o entre-lugar quando exigida a assimilação. Lispector não adotou a voz exaltada do migrante que acredita chegar ao *Eldorado*, optou pela narrativa que aponta as incertezas do discurso identitário rígido e com a escrita construiu sua morada.

Palavras-chave: Pós-modernidade; Entre-lugar; Elisa Lispector

Os movimentos migratórios fazem parte da história das civilizações e têm sua origem num período histórico difícil de precisar. No entanto, estão presentes em inúmeros relatos e narrativas que compõem nosso repertório cultural desde a antiguidade clássica. Contudo, nas últimas décadas do século XX, os deslocamentos tornaram-se a sustentação das sociedades pós que englobam a modernidade tardia, a pós-modernidade e a globalização (FEMENÍAS, 2013). A conjuntura social e política do século XX intensificou e difundiu a experiência da viagem, da diáspora, da migração e do exílio, alargando seus sentidos. Este fenômeno social e cultural possibilitou o questionamento, inclusive, da plausibilidade de conceitos como fronteira, nação, nacionalismo, nacionalidade, pátria, tendo em vista que a assimilação do imigrante nunca se dá plenamente. Os questionamentos destes conceitos, que fundamentaram a modernidade, sublinham a pós-modernidade como crítica à hegemonia moderna.

A propagação de um discurso que fragmenta a percepção do pertencimento, a ideia de nação e de fronteira, que até meados do século XX acreditava-se homogêneas e coesas, desestabilizou a própria ideia de morada segura e estável. Sendo assim, podemos situar a difusão destas ideias, aceleradas pelos avanços tecnológicos, no contexto da discussão sobre a entrada numa modernidade tardia ou pós-modernidade. Este período, portanto, deve ser visto como caleidoscópio. A composição de diferentes culturas num

¹ Doutoranda no Programa de Pós-graduação em letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – deboramcr83@gmail.com.




mesmo espaço é uma oportunidade de ampliar os questionamentos acerca de velhos preceitos de pureza da cultura e do caráter ficcional do pertencimento.

Esta crescente aceleração dos fluxos migratórios está implicada a conjunturas sociais, políticas e econômicas globais. Interessa-nos ao menos apontar as principais diferenças de como cada período histórico enfrentou os deslocamentos. Sem esquecer, no entanto, que as ideias podem sobreviver ao tempo e coexistir com outras que as contradizem.

Os deslocamentos nos tempos pré-modernos, anteriores à centralização e a reafirmação dos valores do Estado Moderno, eram concebidos como punição, castigo àquele que se desviasse da norma configurada coletivamente. A modernidade, com suas características de sedentarização, de instrumentalização das leis e de controle dos costumes, atende aos interesses da família, do Estado e da manutenção do trabalho como partes da engrenagem social. Neste período, a universalização da cultura, sempre sob a perspectiva europeia, perseguiu a homogeneização dos indivíduos e das sociedades. Os deslocamentos empreendidos a partir desta concepção atendiam as demandas impostas pela colonização e para a consolidação dos valores imperialistas. O que se segue a isso é a tentativa de descolonização da cultura nos territórios dominados pela Europa: América Latina, África e Ásia.

A pós-modernidade, no entanto, constituiu novas subjetividades com a aceleração e a diversificação da circulação de pessoas pelo mundo. Esta circulação pós-moderna, ou “dispersão anárquica de indivíduos” como prefere Silviano Santiago (2016, p. 15), altera também a percepção do que é próprio e familiar, desestabilizando o que antes definia uma sociedade, sua nação e sua identidade.

Enquanto na Antiguidade clássica a expatriação era o resultado de uma condenação, a partir da Modernidade a migração é alargada em suas motivações: fugas, guerras, dificuldades econômicas. Aos deslocamentos pós-modernos, portanto, acrescentam-se significados como os da migrância e da deriva, e ressignificações de antigos como a viagem, o exílio, a diáspora. Essas ressignificações do deslocamento tornam-se cada vez mais contundentes nos discursos sociais e literários, pois são marcados pelas mobilidades transculturais (OLIVIERE-GODET, 2010). A Antiguidade, a Modernidade e a Pós-modernidade têm, pois, formas distintas de experimentar o deslocamento.




A intensificação da expansão diaspórica a partir da Modernidade concebe, entretanto, um ideal de assimilação. O migrante chega em terras estrangeiras com o desejo de pertencer ao novo lugar. Tal fato não implica, em todo caso, o fim do desejo de retornar ao lugar de origem, mas o migrante se vê enredado por novas circunstâncias que almeja conhecer para logo adaptar-se.

Fernando de Toro chama a atenção para o fato de que o deslocamento na nossa época vem assumindo uma nova concepção, porém, as razões para o deslocamento contemporâneo não são exatamente diferentes do que fora anteriormente. Este novo deslocamento advém da condição pós-moderna e pós-colonial. Toro avalia que há uma contradição na forma de compreender o deslocamento, tanto na Modernidade como na Pós-modernidade:


Por una parte, la modernidad proponía un discurso universalista que podría ser confundido con la actual noción y condición de la globalización, al mismo tiempo que hizo todo lo posible por homogeneizar y assimilar (territorializar) al Otro: universalización/asimilación global, pero desde la perspectiva del centro, como el único discurso, el del *logos* con su *ethos*. Por otra parte, la postmodernidad introduce la posibilidad de la globalización pero al mismo tiempo, la posibilidad de lo local. Nunca antes lo local, la voz individual, solitaria, há tenido tanto que decir y habitar. Es por esto que no solo la condición postmoderna sino también la condition postcolonial han llegado a su fin como paradigmas epistemológicos, sociales y culturales, puesto que ahora hemos entrado en una *condición global* sin precedentes, marcada pela noción misma de una *tercera cultura* (TORO, 2010, p. 9).

Para Toro, não foi possível homogeneizar a cultura e tampouco assimilar os deslocados. A contradição a que o autor chama a atenção reside neste aspecto: a crença no projeto de desenvolvimento global que cedo ou tarde abarcaria a todos, anulando as diferenças ou incluindo a diversidade regional. Deste mesmo modo, Hall (2013) compreendeu a diáspora como caminho para uma “nova cultura” que abarca as diferenças em oposição à homogeneização cultural. Tendo em vista que esta tentativa de homogeneizar a cultura não se efetiva completamente. A “nova cultura” de Hall e a “terceira cultura” de Toro demonstram de fato a impossibilidade de aplacar a diferença, assim como apontam para uma solução de coexistência cultural. Estes teóricos nos auxiliam a compreender a homogeneização cultural como discurso desgastado por não conseguir esconder seu caráter dissimulado e artificial.



Portanto, a condição que a pós-modernidade proporciona à experiência do deslocamento difere da condição moderna por possibilitar, e até mesmo “festejar”, a coexistência do global e do local. Desta forma, a globalização pós-moderna difere da moderna internacionalização europeia. A diferença consiste na forma como a comunidade global foi apresentada e descrita. Na Modernidade esta comunidade foi caracterizada pelas grandes narrativas e pelo binarismo, centro/periferia. Os fluxos migratórios deste período mantiveram a prerrogativa de que a periferia do mundo deveria ter a Europa e os Estados Unidos como modelos civilizatórios e a eles deveria servir. A descolonização tardia, de meados do século XX de países africanos, asiáticos e caribenhos, exigiu que estas nações reinventassem suas narrativas acerca da identidade. Cidadãos dos países descolonizados viam na migração em direção às antigas metrópoles como uma forma de fugir da instabilidade do processo de transição política. Enquanto na Europa, o período que sucedeu a Segunda Guerra Mundial prescindia de mão de obra barata para dar seguimento ao projeto de desenvolvimento e crescimento econômico. Muitos imigrantes do Caribe chegavam à Inglaterra legalmente já que nasceram na Comunidade Britânica, no entanto, apesar da necessidade de mão de obra, a Inglaterra passou a restringir a livre imigração (HOBSBAWM, 1995, p. 271). Decorre deste fato, a implosão de conceitos como identidade e nacionalidade. A inversão deste fluxo migratório contribuiu, voluntária ou involuntariamente, para o desmonte do arcabouço moderno. Contribuiu também para que percebêssemos o caráter ficcional do pertencimento, pois assim como a nacionalidade foi construída por discursos e práticas políticas que envolviam a delimitação de fronteiras, a identidade homogênea e pura também tem seu caráter ficcional.


O que chamamos de pós-modernidade é justamente o dismantelamento desse *logos* e seu *ethos*, o fim da possibilidade de supremacia de uma cultura sobre outra, segundo Fernando de Toro. Este novo tempo possibilitaria a inclusão do diferente, do “outro”. O dismantelamento da modernidade abre espaço para a possibilidade produtiva do “novo” deslocamento, ainda segundo Toro, capaz de produzir cultura independentemente do cânone herdado, da identidade cultural herdada e da tradição herdada (TORO, 2010). Este “novo” deslocamento advém das condições pós-moderna e pós-colonial cuja principal característica é o seu aspecto nômade. A nova morada humana é nômade, é sempre o presente e o instante que habitamos. Quando o deslocamento se torna o ponto de chegada – o meio, mas também o fim – a ideia de origem e tradição de



um povo ou nação tende a perder força. A pós-modernidade faz ressaltar a própria fragilidade da existência de uma origem, embora paralelamente a esta constatação cresça o discurso de retomada das tradições, principalmente em nações que são destinos sistemáticos de imigrantes ou que passaram por grandes instabilidades políticas e rupturas geográficas. Porém, Fernando de Toro sustenta que resgatar um passado originário e restaurar a cultura daí nascente pode nos conduzir a fundamentalismos. A alternativa a este modelo estaria na construção de um novo sentido de habitat, “um pertencer com outros” (TORO, 2010, p.14)

Sendo assim, abandonada a ideia de supremacia cultural e de identidades essencialistas, os deslocamentos sistemáticos conduzem a cultura a um novo território, a uma era pós-imperialista (TORO, 2010, p.15). A principal característica desta nova era é o nomadismo, resultado quase óbvio do deslocamento sistemático, ou como destacou Fernando de Toro, podemos seguir Homi Bhabha (2014) e nomear este processo de “terceira cultura”. Para Bhabha, o “terceiro espaço” é o próprio processo de hibridização, sendo que este não é a junção pura e simples de duas ou mais culturas. A compreensão da hibridização da cultura passa necessariamente pela compreensão de que toda cultura é híbrida. Bhabha afirma que “ao explorar o ‘terceiro espaço’ temos a possibilidade de evitar a política da polaridade e emergir como os outros de nós mesmos” (BHABHA, 2014, p.76). Se já não é possível alegar que a cultura é única e fixa, se a percepção deste “terceiro espaço” nos alerta que somos *múltiplos* mesmo que inscritos em *uma* cultura, nos resta rever a própria ideia de fronteira e assimilar seu caráter ficcional, visto que os contornos identitários que nos definem não comportam mais a narrativa de unicidade: “A temporalidade não sincrônica das culturas nacional e global abre um espaço cultural – um terceiro espaço – onde a negociação das diferenças incomensuráveis cria uma tensão peculiar às exigências fronteiriças” (BHABHA, 2014, p. 344).

Deste modo, interessa-nos compreender como este “terceiro espaço” ou espaço desterritorializado, para evocar o conceito de Deleuze, funciona como terreno fértil para a produção cultural, em geral, e literária, em particular. Este espaço constituído pela pós-modernidade como entre-lugar, porque entre dois mundos e assim segue desconstruindo a própria ideia de pertencimento a um território, possibilita certa experiência literária que apreende a escrita como morada.




Como podemos constatar, paralelamente ao deslocamento da Europa do centro referencial cultural, dá-se o desmonte da modernidade e sua rigidez identitária. Os conceitos que orbitam e consolidam a modernidade: fronteira, nação, nacionalismo, pátria, nacionalidade, também se flexibilizam ao ponto de ruptura com o compromisso de residência, de estabilidade e de segurança (MAFFESOLI, 2001). O que assistimos na contemporaneidade é ainda a desconstrução dos conceitos que sustentaram a modernidade, é a ruptura radical com o compromisso de identidade e de residência. O deslocamento constitui, entretanto, o elemento fundamental para esta ruptura. Não mais como o banimento, mas como o caminho para desenvolver as potencialidades dos infinitos encontros entre diferentes, entre um *eu* múltiplo com um *outro* também plural.

A literatura contemporânea nos apresenta um número expressivo de escritores que se encontram deslocados. Essa experiência permeia tanto as representações literárias quanto o modo de pensar o intelectual contemporâneo. Edward Said (2005), em “Exílio intelectual: expatriados e marginais”, enumera as vantagens de que dispõe um intelectual deslocado, no exílio. Dentre elas destacamos a primeira levantada por Said: o intelectual deslocado teima em não se adaptar, não se deixa cooptar, mantém-se numa condição inquieta e causa inquietação nos outros. Esse inconformismo, portanto, permite que seu pensamento dissonante faça o contraponto a uma realidade já acomodada.

A vida intelectual, portanto, é feita de conhecimento e liberdade, o que exige certa capacidade e habilidade do intelectual em não se deixar cooptar. Esta resistência pode ser vista como um estilo de pensamento amargo, ranzinza e indigesto, estilo que se torna também uma nova morada, segundo Said (SAID, 2005).

Para Adorno, as moradias tradicionais, ou seja, as residências fixas, são uma traição ao conhecimento, pois suas funcionalidades estão voltadas para a celebração do consumo. A sedentarização estabelece a criação de falsas verdades para a manutenção de uma única narrativa que sustente o corolário moderno. Trair a moradia, a tradição, a identidade é abrir-se ao conhecimento e a compreensão do outro. A traição é necessariamente pós-moderna. Sendo assim, quando nada mais é fixo ou rígido, nem mesmo sua origem, sua casa, o intelectual somente encontra abrigo na escrita, como afirmou Adorno: “A casa é passado” (ADORNO, 2008, p. 35).

Dito isto, propomos analisar alguns textos de Elisa Lispector que ocupou o entrelugar quando exigida a assimilação. Elisa foi a filha mais velha da família Lispector e




dedicou-se a escrever histórias de não pertencimento. Nasceu na Ucrânia, em 1911 e em 1920 parte com a família para o Brasil instalando-se no Recife. Em 1937, chega ao Rio de Janeiro, onde ingressa no serviço público federal, no Ministério do Trabalho. Paralela ao emprego público, inicia a carreira literária com a publicação de *Além da fronteira* em 1945. Em seu romance de estreia narra a história de Sérgio um escritor que não consegue publicar seus livros porque os editores avaliam que suas histórias, de deslocamentos e guerras, não interessariam os leitores (1988).

A viagem da Ucrânia em direção ao Brasil é narrada em sua autobiografia intitulada *No exílio*, publicada em 1948. Neste livro, a autora disfarça os nomes de seus familiares, mas não nega que a história foi inspirada em sua própria trajetória. O livro narra a história da menina Lizza, nome da filha mais velha da família, que precisa fugir da terra natal em consequência dos sucessivos ataques russos, os chamados *pogroms*.

A trajetória literária de Elisa Lispector, embora profícua, permaneceu ocultada e à sombra do nome da irmã caçula, Clarice Lispector. Recentemente, em virtude de algumas reedições seu nome volta à cena literária. A pesquisadora Nádia Gotlib organizou o que seria um livro sobre a história da família Lispector, idealizado por Elisa, mas que não chegou a concluir, chamado *Retratos antigos* (2012). Este texto é dedicado aos sobrinhos, descendentes de terceira geração. A eles, Elisa conta a história fragmentada e cheia de lacunas, as quais jamais preencherão, dos antepassados já mortos. À narrativa, segue-se fotografias destes antepassados. A autora pretendia com este livro transmitir a tradição familiar judaica aos sobrinhos e colaborar para a rememoração de uma trajetória marcada pela perseguição e pela violência:

Que restou dos personagens desses retratos, além de uma descendência não muito numerosa? Talvez a memória. Mas esta reside em nós, que, aos poucos, vamos correndo também. Então penso o que será deles, quando os da minha própria geração não mais existirem, e não houver mais ninguém para dar testemunho de suas vidas, de seus graus de parentesco (LISPECTOR, 2012, p. 81).

Assim, entre a necessidade de escrever para lembrar os antepassados e a ideia de fazê-los viver na memória de seus descendentes, no capítulo dedicado ao pai Pedro, Elisa Lispector elucida um de seus motes literários. O pai, ao ler um de seus primeiros textos publicados em uma revista literária, sugere à filha que escreva sobre a história de um homem que perdeu o caminho: “E eu fiquei a imaginar o que o teria feito sentir-se como



um naufrago, em que ponto de suas dúvidas ele se havia extraviado, ao oscilar entre dois mundos, perdido entre várias culturas” (LISPECTOR, 2012, p. 125).

No livro *A última porta* (1975), Lispector narra a história de Ana, uma mulher solitária que se vê angustiada diante da obscuridade da existência. Ana somente enxerga a instabilidade de tudo que a rodeia:

‘E se não tenho com quem repartir, nem de quem retirar, o que será que é meu?’ perguntava-se. Acrescia, ainda, o fato de que todos os dias tinha de aprender tudo de novo, de tal forma uma situação diferia da outra, e o aprendizado anterior já não lhe valia (LISPECTOR, 1975, p. 47).

A evidência desta instabilidade é despertada quando assiste a um filme sobre os crimes de Adolf Hitler. A partir deste episódio a personagem rememora eventos traumáticos que busca esquecer. Ao longo de sua vida, Ana isola-se e apresenta uma personalidade obcecada e ciumenta com seus objetos, como se assim possuísse de fato algo e ali encontrasse estabilidade. É somente quando se rende à escrita que percebe certa fluência de pensamentos e assim consegue organizar seu passado traumático: “E se não podia sair de dentro de si através da ação, e muito menos da comunicabilidade, de vez que há tanto não tinha mais com quem falar, recorria à escrita” (LISPECTOR, 1975, p. 37).

A vida de Elisa Lispector foi marcada por sucessivos deslocamentos e pela busca de alguma estabilidade para voltar a se sentir em casa. Sua escrita, assim como a de seus personagens, tenta reestabelecer alguma ordem e somente por meio da escrita isso se tornaria possível. Lispector não adotou a voz exaltada do imigrante que acredita chegar ao *Eldorado*, optou pela narrativa que aponta as incertezas do discurso identitário rígido. Com a escrita construiu sua morada, uma vez que, segundo Said a partir das leituras de Adorno, “o único lar realmente disponível agora, embora frágil e vulnerável, está na escrita” (SAID, 2003, p. 58). Adorno afirma que o escritor se põe à vontade em seus textos como se estivesse em casa. O escritor converte seus livros e anotações em móveis, “nos quais se acomoda, fica confortável, se irrita. Ele os acaricia, os usa, mistura entre si, modifica suas posições, os estraga. Para quem não tem mais pátria, para esse sim a escrita é um deleite” (ADORNO, 2008, p. 83).

A autora, seja pela sombra que fazia o nome Clarice Lispector, seja pelo conteúdo de seus textos, não recebeu por parte da história literária o devido reconhecimento. Porém, o debate sobre a relação da atual literatura brasileira e a “dispersão anárquica dos

indivíduos” (SANTIAGO, 2016) nos dá a oportunidade de voltarmos ao passado e perguntar quem foram os precursores destes escritores contemporâneos, cujos temas e reflexões não deixam passar as questões que envolvem os deslocamentos e seus apátridas. Assim, lembramos a afirmação de Borges: “Cada escritor cria seus precursores. Seu trabalho modifica nossa concepção do passado, assim como há de modificar o futuro” (BORGES, 2007, p. 130). Os escritores contemporâneos atentam para temas e abordagens que escritores do passado já consideravam profícuos. Aqueles, portanto, podem nos auxiliar a compreender o caso Elisa Lispector que dedicou sua escrita à memória dos que enfrentaram a travessia de mundos tão distantes.

Referências bibliográficas

ADORDO, Theodor. *Minima moralia: reflexões a partir da vida lesada*. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2008.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BORGES, Jorge Luis. *Outras inquisições*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FEMENÍAS, María Luisa. *El género del multiculturalismo*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes Editorial, 2013.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LISPECTOR, Elisa. *A última porta*. Rio de Janeiro: Editora documentário, 1975.


_____. *Além da fronteira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

_____. *No exílio*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

_____. *Retratos antigos: (esboços a serem ampliados)*. GOTLIB, Nádía Battella (Org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

MAFFESOLI, Michel. *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

OLIVIERI-GODET, Rita. Errância/migrância/migração. In: BERND, Zilá (Org.). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010.



SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. *Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTIAGO, Silviano. Deslocamentos reais e paisagens imaginárias – o cosmopolita pobre. In: NETO, Godofredo de Oliveira; CHIARELLI, Stefania (Org.). *Falando com estranhos: o estrangeiro e a literatura brasileira*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.

TORO, Fernando de. El desplazamiento de la literatura, la literatura del desplazamiento y la problemática de la identidad. In: *Revista electrónica de la literatura comparada*. N. 5. Universitat de Valencia, 2010. Disponível em: <<https://ojs.uv.es/index.php/extravio/article/view/2263/1862>>. Acesso em: (28/09/2017).